

O IMAGINÁRIO REVOLUCIONÁRIO DOS ANOS 1960 EM *TIGRE EN PAPIER*, DE OLIVIER ROLIN, E EM *A CASA*, DE PEPETELA

Pablo Emanuel Romero ALMADA*

- **RESUMO:** As ideologias e utopias revolucionárias dos anos 1960 são um importante elemento para a compreensão da história do tempo presente e das memórias de ex-participantes e suas repercussões. O artigo debate duas narrativas memorialísticas e ficcionais acerca daqueles momentos: *Tigre en Papier*, de Olivier Rolin, e, o excerto *A Casa*, em *A Geração da Utopia*, de Pepetela. A partir de uma metodologia de análise qualitativa e da literatura comparada, é debatido o deslocamento do imaginário revolucionário dos anos 1960, de França e Portugal para o Sul global, de modo a compor uma imagem terceiro-mundista de suas aspirações e utopias. Conclui-se que, para além do cenário do protesto jovem realizado naqueles países centrais, haveria uma memória pouco revelada, que construiria e idealizaria os lugares revolucionários com distanciamento da Europa.
- **PALAVRAS-CHAVE:** 1968. Memória. Literatura Comparada. Imaginário. Pós-Colonialismo

Introdução

Os anos 1960 e, mais especificamente, o ano de 1968, guardam algumas das chaves de compreensão do tempo presente¹. Neles reside o momento que foi tratado por muitos como a última revolução do século XX, ainda que seus ganhos pareçam atenuados perante os impactos da Revolução Francesa ou da Revolução Russa. 1968 instiga a reflexão sobre um “evento” sem precedentes (BADIOU, 2012), do

* Universidade Estadual Paulista Júlio de Mesquita Filho, UNESP, Faculdade de Ciências e Letras, Programa de Pós-Graduação em Ciências Sociais, Araraquara, São Paulo, Brasil – pabloera@gmail.com

¹ O artigo apresenta resultados da pesquisa “Memória e Política nas Comemorações dos 50 anos de 1968”, realizada no âmbito do Pós-Doutorado no Programa de Pós-Graduação em Ciências Sociais, da Faculdade de Ciências e Letras de Araraquara da Universidade Estadual Paulista (FCLAR – UNESP). O presente trabalho foi realizado com apoio da Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior – Brasil (Capes) - Código de Financiamento 001.

qual muitas de suas heranças já foram superadas, ainda que haja muito a discorrer, seja por causa de seus impactos comportamentais, sexuais ou políticos, seja por ter deixado um ponto de interrogação quanto à pertinência concreta de revoluções para as gerações posteriores e para o século XXI.

Para nossa análise, foram destacadas duas obras representativas de um movimento literário contemporâneo e transnacional que se relaciona diretamente com as aspirações revolucionárias dos anos 1960 e suas desilusões: *Tigre em Papier*, de Olivier Rolin, publicado em 2002², e o excerto *A Casa*, de *A Geração da Utopia*, de Pepetela, publicado em 1992. Trata-se de obras escritas por autores híbridos de identidades nacionais.

Olivier Rolin nasceu em França (1947), passando sua infância e adolescência no Senegal e, depois de voltar à França, ingressa na organização de influência maoista e com grande presença na Sorbonne e Nanterre de 1968, a *Nouvelle Résistance Populaire* (NRP), cisão da *Gauche Prolétarienne* (GP), sendo que ambas, de origem maoista (marxista-leninista) acreditavam que o caminho revolucionário possível seria o da luta armada, nos moldes daquele construído na Revolução Chinesa, de 1949. Pepetela é nascido em Angola (1941), mas de ascendência portuguesa, e assim, seguiu para Lisboa em 1958 e viveu a Guerra Colonial como integrante da organização também de influência maoista, o *Movimento Popular de Libertação de Angola* (MPLA), se refugiando em Paris e em Argel durante a década de 1960. As obras destacadas são marcadas pela criação de personagens jovens e estudantes universitários africanos em Lisboa, que participam das lutas sociais do período. A descrição do contexto o qual estavam vivendo na Europa, em França (referência direta ao Maio de 1968) e em Portugal (período imediatamente anterior ao 25 de Abril), apresentam olhares que misturam a experiência dos jovens em um momento singular do século XX, em sua complexidade política, ideológica, identitária e subjetiva.

O presente artigo procura explorar as relações entre a memória, a imagem e a desterritorialização, assim como objetiva delinear a construção desse imaginário do espaço exterior, do outro, de um Sul global revolucionário.

Memória, História e Literatura Comparada

A História do Tempo Presente, como campo disciplinar da História Contemporânea, definiu a memória como categoria central, existente a partir do reconhecimento da necessidade de correlações fragmentais, que fazem parte da

² Cotejando o original e a versão traduzida da obra, apresentam-se as citações no original em francês, colocando em nota os trechos da versão traduzida. Por se tratar de uma versão *Kindle*, as páginas das citações do original serão acompanhadas de “l.”, ao invés de “p.”, procurando identificar a página através “localização”, instrumento fornecido pela versão *Kindle*.

demarcação da experiência (SANDOICA, 2004). Entre a história e a memória encontra-se o “trabalho do tempo” (NORA, 2008, p. 134, tradução de nossa autoria), que incide sobre a história mitificada e a historiografia de reconstrução, pois a mitificação coloca em risco a própria memória. A memória é a composição de uma certa reminiscência que atua de modo coletivo e, portanto, “são os indivíduos que lembram, enquanto integrantes do grupo” (HALBWACHS, 2003, p. 69).

A memória é o espaço de reconstrução dos eventos do passado e sua representação evidencia o retorno ao momento comemorado, embora sob a égide das forças e dos pensamentos políticos, culturais, emocionais e identitários do presente. São as ideologias, os movimentos teóricos e filosóficos - além da própria conjuntura política - que guiarão os sentidos e as possibilidades de reinterpretação a partir da memória e da subjetividade. Trata-se, portanto, de reconhecer que são mobilizadas Políticas de Memória, ou seja, como afirma Elena Hernandez Sandoica (2004), em sua obra *Tendencias historiográficas actuales*, “a memória social pela qual se busca compreender como a sociedade interpreta e se apropria de seu passado” (SANDOICA, 2004, p. 526). Os eventos dos anos 1960 compuseram uma importante temática para relatos memorialísticos, nos quais se resgata sua “autossuficiência”, mediante uma “proliferação puramente memorial” (NORA, 2008, p. 170), destacando acontecimentos que podem definir certas identidades, muitas vezes recorrendo a reconstruções imprecisas ou imaginárias.

Na contramão da apropriação memorialística do passado, uma grande gama de discursos, provenientes dos mais variados atores, os quais tiveram participação em grupos políticos dos anos 1960, tem produzido um interessante efeito: “liquidar, apagar ou tornar obscura a história” de 1968 (ROSS, 2018, p. 14). No campo literário, o Maio Francês, 1968 global e a cultura dos *sixties*, ofereceram inúmeras contribuições para literatura contemporânea, em especial por parte de ex-militantes, possibilitando a criação de romances contextualizados no período. Para analisá-los, devemos levar em consideração que o campo literário goza de uma autonomia relativa à sociedade, sendo que seus autores interiorizam valores sociais, do mesmo modo que se distanciam das demandas de classe. Portanto, se por um lado interessa a diversos grupos sociais o resgate e a efetivação de memórias, para a construção de uma identidade política, por outro lado, essas reminiscências podem ser diferentes daquelas desejadas, revelando disjunturas em torno do tempo e do espaço. Em vários contextos, os romances escritos sobre a temática revolucionária dos anos 1960 refletem um caráter político e supranacional, muitas vezes, retomando aquelas aspirações utópicas que eram compartilhadas no passado, vistas agora pelo crivo do tempo presente.

Tigre en Papier, de Olivier Rolin (2002) apresenta uma temporalidade recente através da narrativa memorialística da personagem Martin (alter-ego do autor) para Marie, filha de um grande amigo já falecido (Treize), enquanto andam pelo *Boulevard Periferique* de Paris. Revivendo a memória de um

passado “profondément enfoncé dans le puits du temps” (ROLIN, 2002, l. 58)³ e imbricada nos lugares por onde passam, a narrativa encadeia o cotidiano, as aspirações revolucionárias das organizações políticas e seus imaginários, como, principalmente, a China de Mao-Tse-Tung, entoada por cânticos, palavras aleatórias ou referência de passagens d’O Livro Vermelho. O final do século XX, tempo pelo qual é feita a narrativa, é uma contemporaneidade marcada pelo dinamismo, pela individualidade, pelo esquecimento e pela tecnologia, conduzindo a um excesso de presentismo. As memórias de Martin são compostas por paixões, nostalgias e desilusões quanto às utopias revolucionárias da década de 1960, em especial, do Maio de 1968, o qual é dinâmico e ultrapassa as próprias fronteiras tempoespaciais. Seu sentido é o de um acontecimento persistente, um momento histórico de uma geração, remetendo-se à desconstrução de uma meta narrativa histórica e literária que romantizaria os fatos de 68, seus personagens e os rumos daquela revolução. Ao contrário, Olivier Rolin narra, com humor e velocidade, a memória e certos acontecimentos, misturando o falado e o pensado, imbricados por uma desilusão sem arrependimento.

Em *A Casa*, primeira parte da obra *A Geração da Utopia*, Pepetela (2008) apresenta a relação cotidiana dos estudantes angolanos com a “Casa dos Estudantes do Império” em Lisboa, palco de histórias e trajetórias de diáspora e migração. A problemática do colonialismo, da guerra colonial e das lutas e perseguições do regime salazarista se misturam com as utopias e as resistências pessoais, transversais àqueles personagens que tentam, a todo momento, retomar o imaginário de sua terra natal e fugir de Portugal. A narrativa, iniciada nos idos de 1961, centra-se em três personagens: Sara, angolana (branca), estudante de Medicina; Aníbal, também angolano, estudante e militante político; e Malongo, angolano, jogador de futebol do Benfica e namorado de Sara, que dividem as suas experiências de juventude e estudantis, pensando e agindo de modo adverso ao colonialismo. A narrativa dessas experiências estudantis e pós-coloniais revela que “foram anos de descoberta da terra ausente. E dos seus anseios de mudança” (PEPETELA, 2008, p. 13), ocorridos no centro do império colonial português, mas com indivíduos que não se identificavam com aquele espaço imperial. O olhar direcionado para os acontecimentos da época, carregam uma carga pouco nostálgica, mas bastante centrada no árduo debate das ideologias e utopias inspiradoras, que se concretizariam não naquele espaço e tempo, mas no futuro, com a independência de Angola e o fim do colonialismo português.

Há aspectos singulares que são explorados quanto às ideologias e utopias dos anos 1960, apresentado na visão dos jovens sobre um mundo em ebulição: uma ligação quase sempre relacionada com os valores revolucionários em voga, ou, com buscas por liberdades descomprometidas do *status quo*, que caracterizariam uma

³ “[...] Profundamente enterrado no poço do tempo” (ROLIN, 2006, p. 8).

imagem bastante singular da juventude, como um ator político. Outro aspecto que deve ser mencionado é a referência ao lugar dos acontecimentos e das narrações, Paris e Lisboa, que aparecem através do intercâmbio pessoal, na condição de deslocamento e da realização revolucionária, com suas efervescências políticas, que constroem novas possibilidades e perspectivas subjetivas. Rolin e Pepetela projetam os lugares revolucionários imaginados, onde as aspirações desejadas estabelecem práticas concretas imbricadas com a realização das utopias. Ambos revelam não apenas uma literatura política ou narrativa das vivências do passado na memória presente dos autores, mas também ensaiam personagem que encaram dramas contextualizados.

Finalmente, procura-se compreender a seguinte hipótese: a pluralidade das contestações, manifestações e organizações contrárias à sociedade de controle, ao colonialismo e aos regimes opressores é transmitida na literatura com uma carga mítica e por vezes romantizada, da qual pode-se operar tanto uma **análise do período como um reflexo dessa imagem**, como uma mitificação dessa contingência factual apenas por razão da **redução da pluralidade de acontecimentos a um local e a um movimento sintetizador**, o Maio de 1968 Francês. Essa hipótese se aplica na medida em que emerge uma problemática histórica e sociológica que aponta o período como central na compreensão dos desenvolvimentos democráticos do final do século XX.

Assim, torna-se fundamental a compreensão da imagem presente na relação entre memória, passado e presente. É no campo da Literatura Comparada que encontramos elementos para a exploração das fronteiras, fato que extrapola a mera comparação factual e se dispõe a comparar os temas e as disciplinas. Esses temas podem ser “desocultados” de uma nacionalidade literária e entendidos dentro de uma supranacionalidade (BUESCU, 1991, p. 209), o que não significa uma comparação direta entre culturas, mas sim o rompimento das fronteiras que as separam permitindo a compreensão dinâmica e descontínua desses fluxos culturais e temáticos. Não obstante, a relação estabelecida entre literatura e história também é remetida de forma a atribuir uma multiplicidade histórica em cada contexto, permitindo o diálogo de temporalidades e da historicidade do passado e seus respectivos reflexos no presente.

Deste modo, a obra de Cláudio Guillén (2005), *Entre lo uno y lo diverso*, propõe uma perspectiva comparatista que “culmina na identificação, ordenação e estudo de estruturas supranacionais e diacrônicas, compostas de opções, alternativas e contraposições” (GUILLÉN, 2005, p. 378). O núcleo do sentido comparatista se apresenta nas obras analisadas conforme a perspectiva transnacional se apresenta na relação dialética entre o único e o diverso, entre o local e o universal, de modo a construir uma crítica comparatista que “põe à prova fenômenos comuns por meio da contraposição de nações ou de nacionalidades diversas” (GUILLÉN, 2005, p. 41, tradução nossa). Essa concepção indica que o fenômeno de uma literatura nacional

pode refletir dinâmicas sociais que simplesmente ultrapassam essas fronteiras, em direção a um espaço novo e diferenciado, interligado por relações culturais complexas, o que corrobora para identidades políticas mais híbridas.

A identificação tipológica de transnacionalismos literários, não coloca um país ou uma nação como centro de uma problemática, mas infere que determinados “fenômenos e conjuntos supranacionais [...] implicam internacionalidade, ou seja, contatos genéticos e outras relações entre autores e processos pertencentes a diferentes âmbitos nacionais, ou premissas culturais comuns” (GUILLÉN, 2005, p. 96, tradução nossa). Evidenciamos, portanto, que a linha da compreensão dos processos sociais apresentados pelas obras extrapola os campos nacionais, construindo um imaginário coletivo da cultura ocidental.

A comparação literária permite traçar paralelos entre contextos semelhantes no período histórico dos anos 1960, mas convertidos em objetos literários dos anos 1990 e 2000. Ressaltam-se as disposições dos jovens e estudantes para a superação de problemas sociais e de construção de novas aspirações políticas e pluralidades ideológicas, quase sempre remetidas à esquerda ou a proximidade com os grupos políticos denominados de esquerda naquele período, demarcados por ideais libertadores e anticapitalistas, construídos sobre subjetividades quase sempre fluidas, que diferem daquelas subjetividades rígidas da militância política e operária (MARWICK, 1998). Não haveria apenas uma narrativa mítica de um contexto, como o da França, que subordinaria outros contextos à sua dinâmica. Pelo contrário: há também uma dinâmica comparatista interna às obras, conforme Paris é vista à luz de uma China distante e imaginada, do mesmo modo que Lisboa é vista à luz de uma Angola distante, e que apesar de conhecida, é também imaginada.

Por fim, uma metodologia para abordar as questões literárias e comparadas se articularia não apenas a análise das obras por si mesmas, mas também uma compreensão mais alargada e interdisciplinar, através da literatura, da história e da sociologia, seguindo um programa de estudos que procure “enunciar e analisar, diacrônica ou sincronicamente, todos os discursos sobre o Outro (literários ou não); integrar os dados sociais, históricos, assim como os dados que regem hierarquicamente as relações interculturais que são sempre relações de força e não meros intercâmbios ou diálogos” (PAGEAUX, 2004, p. 164).

No entanto, retomamos uma noção da passagem do tempo e de sua construção posterior: as obras fazem parte de uma construção memorialística dos autores, de um respectivo período vivido por eles, de onde os próprios também foram personagens nos movimentos de resistência dos anos 1960. De certo modo, é possível se remeter a máxima bastante presente nas revisitações do período, a realização de um julgamento da geração de 1968 (BERMAN, 2007). Porém, não se trata, de utilizar a literatura para tal julgamento, mas sim, perceber como que a literatura se volta a temática e expressa a memória e seus reflexos na construção de uma crítica ao

período e a sua narrativa como romance. Tais fundamentos memorialísticos podem, portanto, encontrar respaldo comparativo em um espaço transnacional, composto por imagens que se confrontam com as mitificações, alteridades e estereótipos construídos, com o objetivo de ultrapassar as particularidades nacionais e observar as inúmeras vozes que se apresentam nesse campo, não apenas de forma nacional, fato que pode ser percebido na interdisciplinaridade.

Portanto, partindo das premissas culturais comuns, se faz necessário “[...] reinscrever a reflexão literária numa análise geral sobre a cultura de uma ou de várias sociedades” (PAGEAUX, 2004, p. 135). Nesse sentido, a imagem literária congrega um conjunto de ideias presentes na literalização e na sociabilização, considerando os textos literários, as condições as quais são produzidas e difundidas, podendo assim revelar os “funcionamentos de uma ideologia” (PAGEAUX, 2004, p. 135).

Ideologias, Imagens e Imaginários

Dados os aspectos referidos anteriormente, se faz importante questionar: como as ideologias, as imagens e os imaginários aparecem e criam significados que permitem, para o analista, o exercício do ato comparatista? Esse caminho indica que as obras *Tigre en Papier* e *A Casa* se concatenam para além da temática de uma juventude rebelde e revolucionária.

Como alertou Julie Stephens (1998), em *Anti-Disciplinary Protest*, a construção da imagem dos *sixties* difere nos seus decênios posteriores: nos anos 1980, aqueles ecos do passado foram entendidos como uma imagem invertida e contraposta ao radicalismo, o que permitiu o surgimento de um paradigma geracional, permitindo com que se projetasse a imagem de que “os *sixties* foram de algum modo ressuscitados nos anos oitenta, para assombrar igualmente as futuras gerações de radicais e conservadores” (STEPHENS, 1999, p. 13, tradução de nossa autoria). Esse sentido geracional ultrapassa algumas das leituras que indicariam que os anos 1960 foram o prenúncio do neoliberalismo, fato até mesmo preconizado por diversos líderes de 1968, como os *Nouveaux Philosophes*.

Para estes intelectuais e ex-participantes que recusaram as contribuições posteriores de 1968, seus balanços dos anos 1990 compuseram “exemplo perfeito do que pode ser descrito como o período formativo da memória coletiva dos eventos de 1968” (REYNOLDS, 2011, p. 28, tradução de nossa autoria), pavimentada pela entrada na política institucional de muitos membros daquela geração. A identificação entre memória e política dos acontecimentos do Maio de 1968 efetivaram um cenário irresoluto, acerca da importância das celebrações e comemorações posteriores. Nesse sentido, “Maio de 1968 esteve ainda mais fechado em sua ‘autossuficiência’, mais condenado a sua proliferação puramente

memorial, mais impossibilitado de invadir o cenário público e nacional” (NORA, 2008, p. 170, tradução de nossa autoria).

Tigre en Papel e A Casa estão, por conseguinte, imersos em uma discussão acerca da importância e da recusa de 1968 e dos anos 1960, de seus reflexos políticos e ideológicos, que se fazia muito mais pungente no cenário francês, a despeito das reflexões da guerra colonial e da queda do colonialismo português. Em Portugal, a construção das práticas e utopias dos anos 1960 esteve sobremaneira composta de uma “influência maioritariamente francófona”, a qual intensifica ativismos e discursos panfletários que contrasta com a influência de partidos políticos organizados no meio estudantil (BEBIANO; ESTANQUE, 2007, p. 37-38). Notoriamente, as lembranças dos anos 1960 em Portugal são diferentes daquelas vivenciadas na França: quando ocorrem, são centradas nos aspectos dos movimentos estudantis. Miguel Cardina (2008) contribui com essa perspectiva, ao mencionar que “a evocação das lutas estudantis concentra-se quase sempre na lembrança dos acontecimentos de 1962 e 1969”, os quais são acompanhados por uma “respectiva circunscrição espacial: 1962 seria o ano da ‘crise’ lisboeta, 1969 seria a data da ‘crise’ coimbrã” (CARDINA, 2008, p. 120).

Ao contrário dos aspectos estudantis que são trabalhados pela história e pela memória com alguma frequência e cujos marcos temporais e comemorativos estão presentes, a memória dos eventos coloniais é algo muito mais escasso⁴. Ao refletir sobre o papel da guerra colonial portuguesa, o aspecto que ressalta é o seu silenciamento, o que demanda à sociedade portuguesa “reconhecer uma política da memória que vigorou e vigora no Ocidente em relação à experiência colonial e à violência que a instaurou e perpetuou” (MARTINS, 2015, p. 107).

As obras literárias em questão revelam como se construíam as organizações políticas e as ideologias daquele período, seja pela militância dos treze colegas franceses na organização *La Cause*⁵, seja pela presença dos colegas angolanos na Casa dos Estudantes do Império. De forma diferenciada - sendo o primeiro uma organização política, o segundo, um lugar de acomodação estudantil que oferecia de modo extraoficial um ambiente para a organização da resistência estudantil - ambos projetam grupos e locais de reuniões que compõem as resistências sociais e políticas ao estadismo opressor do gaullismo francês e à manutenção do salazarismo, do colonialismo português e da guerra colonial. Estas construções ideológicas tratam da visão de um composto utópico transnacional, a ser sedimentado nas juventudes daquele tempo.

⁴ Ainda que o campo da literatura tenha oferecido importantes contribuições, como a obra de Antônio Lobo Antunes, *Os cus de judas*, de 1979, a guerra colonial de Angola é tratada do ponto de vista de um soldado português, ainda que compondo memórias fragmentadas e estilhaçadas.

⁵ CAUSA é um nome fictício atribuído à *Nouvelle Resistance Populaire*, corrente política maoísta derivada da *Gauche Proletarienne*, bastante presente no meio estudantil de 1968, e cujo jornal de divulgação de ideias chamava-se *La Cause du Peuple*.

Assim, a utopia descrita em *Tigre en Papier* identifica a predominância do maoísmo (marxismo-leninismo):

Aussi étrange que cela puisse paraître, il n'était pas rare que des ménagères viennent assister à vos réunions publiques dans une salle au-dessus d'un café de l'avenue de Versailles: devant leurs yeux médusés vous déployiez des cartes où barres et flèches figuraient fronts et offensives, vous y aviez symbolisé des rivières, des routes, des collines portant des noms exotiques, Khe Sanh, Tây Ninh, Đông Khê... Ces jungles vous semblaient proches, ou plutôt vous aviez la certitude que l'axe du monde passait là-bas, que le lieu où vous vous trouviez, l'Europe, la France, Paris, la porte de Saint-Cloud, n'était qu'une lointaine périphérie de ce centre. Vous pensiez que l'histoire du siècle s'était écrite ici quand vous n'étiez pas nés, qu'elle continuait de s'écrire au plus loin de là où vous étiez. Vous n'aviez pas la moindre idée de ce que vous pouviez bien être, vous: à part des ombres d'autrefois, d'ailleurs. Vous viviez comme dans l'absence de ce que vous auriez pu être, en un lieu qui avait cessé d'être, dis-tu (essaies-tu de faire comprendre) à la fille de Treize. Mais pourquoi étiez-vous comme ça? te demande-t-elle. Vous n'aimiez pas la vie? Mais si nous l'aimions, mais, pardonne-moi la formule trop... connue, nous pensions que la vraie vie était ailleurs, dans ce que le sabir maoïste nommait la «zone des tempêtes», le tiers-monde encerclant les métropoles impérialistes. (ROLIN, 2002, l. 271-282)⁶

E, em *A Casa*, a identificação é menos direta, demarcada na oposição ao colonialismo português, mas ainda não totalmente identificada com o socialismo africano não-alinhado:

No começo foram anos de descoberta da terra ausente. E dos seus anseios de mudança. Conversas na Casa dos Estudantes do Império, onde se reúnem

⁶ “Por incrível que pareça, não era raro que donas-de-casa fossem assistir às reuniões abertas de vocês, numa sala em cima de um café na avenida de Versailles: diante dos olhos siderados delas, vocês desdobravam mapas com riscos e setas que indicavam linhas de frente e ofensivas, onde vocês marcavam rios, estradas e colinas que tinham nomes exóticos como Khe Sanh, Tay Ninh, Dong Khe. Aquelas florestas pareciam estar perto de vocês, ou melhor, vocês tinham certeza de que o eixo do mundo passava por ali, que o lugar onde vocês estavam, a Europa, a França, Paris, Porte de Saint-Cloud, não passava de uma periferia distante daquele centro. Pensavam que a história do século já estava escrita lá antes de vocês terem nascido, e que continuaria a ser escrita bem longe de onde vocês estivessem. Era como se vocês vivessem na ausência daquilo que poderiam ser, num lugar que cessara de existir, você diz (tenta explicar) para a filha do Treize. Mas porque vocês eram assim?, ela te pergunta. Não gostavam da vida? Claro que gostávamos, mas, com o perdão da fórmula excessivamente conhecida, achávamos que a verdadeira vida estava em algum outro lugar, naquilo que o saber maoísta chamava de “zona de tempestades”, o terceiro-mundo que cerca as metrópoles imperialistas” (ROLIN, 2006, p. 24, tradução de nossa autoria).

a juventude vinda de África. Conferências e palestras sobre a realidade das colônias. As primeiras leituras de romãs e contos que apontavam para uma ordem diferente. E ali, no centro mesmo do império, Sara descobria a sua diferença cultural em relação aos portugueses. Foi um caminho longo e perturbante. Chegou à conclusão que o batuque ouvido na infância apontava outro rumo, não o do fado português. Que a desejada medicina para todos não se enquadrava com a estrutura colonial, em que uns tinham acesso a tudo e outros nada. Que o índice tremendo de mortalidade infantil existente nas colinas, se não era reflexo direto e imediato de uma política criminosa, encontrava nela uma agravante e servia os seus objetivos. E demonstrou essas ideias numa palestra que fez com um médico cabo-verdiano, no ano passado. Palestra prudente com cuidadosa escolha das palavras, que lhe valeu muitos aplausos no fim. Mas também uma chamada à PIDE, a polícia política para advertência. Agora tens ficha na PIDE, cuidado, avisou Aníbal. Os pais lá em Benguela souberam do caso por vias que só Deus talvez explicasse. Lá veio a carta, pagamos-te os estudos para seres médica e não para defenderes ideias comunistas. Não ponham adjetivos ridículos, são ideias juntas, respondeu ela, sabendo que não os convenceria. (PEPETELA, 2008, p. 13-14)

Os excertos projetam dois tipos de imagem: a primeira, do lugar de onde está se falando; a segunda, de um lugar originário ou imaginado. O primeiro trata-se de onde está sendo produzida a ideologia, ou seja, nos centros metropolitanos de Paris e Lisboa, de acordo com uma cultura universalista ocidental, que projeta um cotidiano de resistências contra o capitalismo e contra o socialismo soviético, do mesmo modo que emerge a imaginação da transformação, ainda que esta não seja tão direcionada. O segundo lugar é o da projeção imagética, para onde se criam as perspectivas e apostas utópicas: China e Angola, lugares que são identificados pela curiosidade do exótico, mas, ao mesmo tempo, pela ausência de um conhecimento mais profundo sobre o lugar, ainda que isso seja mais evidente no caso da imagem da China projetada pela *La Cause*. Ademais, esse segundo grupo identifica que os símbolos projetados por esses grupos criam um imaginário cultural e político do terceiro-mundismo, voltando os olhos para o Sul global.

Essa imagem é uma expressão literária bastante forte, da qual relaciona realidades culturais distintas, pois “a imagem é a representação de uma realidade cultural através da qual o indivíduo ou o grupo que a elaborou (ou que a partilhou, ou que a propaga) revelam e traduzem o espaço cultural e ideológico no qual se situam” (PAGEAUX, 2004, p. 136). Em vários momentos e nas duas obras, há a identificação com a construção de um futuro para além do espaço de onde se fala, se contrapondo com o lugar imaginado, com distintas realidades culturais, que pode significar pertencimentos (Pepetela) mas também desejos e ausências (Rolin). Assim, essas visões também correm o risco de uma dupla representação:

a primeira, sobre os acontecimentos em si de uma forma geral; a segunda, sobre o lugar imaginado.

Em Rolin, a representação cultural se desenha conforme seu personagem-narrador, Martin e seus colegas de *La Cause*, não conhecem, a não ser por ouvir falar ou mesmo por imagens televisivas, ou por sua formação enquanto militante revolucionário, a China e Vietnã. São vários os indícios que indicam a opção por uma construção de movimentos em Paris e que estivesse conectado com os acontecimentos globais, podendo ocorrer isso, por meio televisivo, ou por referência à símbolos chineses. Demétrius, por exemplo, um dos colegas da *La Cause*, criava um espaço imaginário, de revoluções e resistências em seu bar-restaurante:

Il passait ses nuits, après la fermeture du restaurant, à manipuler un énorme et antique poste de radio avec lequel il écoutait les ondes révolutionnaires du monde entier. Ici Radio Pékin. Suivaient les premières mesures de L'Orient rouge. Dong-fan-ang hong, tai-yan-ang sheng, «l'Orient est rouge, le soleil se lève». Un soir, au Harry's, Angelo fin saoul avait entonné ces espèces de couinements chinois, c'était le soir d'un France-Galles fameux, la boutique était pleine de rugbymen braillant de mâles mélopées celtes et l'affaire avait failli mal tourner. Camarades! Comrades! Compañeros! Le président Mao est le plus grand demi de mêlée du monde! Indeed! La Longue Marche: on recule pour mieux avancer! Comme au rugby! Tu parles... Les musculeux en cravate club ne l'entendaient pas de cette oreille. Ce n'était évidemment pas le genre de souvenir qu'on pouvait raconter à Démétrios. Zhong-guo chu le yi ge Mao Zedong... Les révisionnistes soviétiques ont soulevé une grosse pierre pour se la laisser retomber sur les pieds. Les révisionnistes sont des tigres en papier comme les impérialistes US. Le Bureau politique du glorieux Parti communiste chinois, sous la direction du grand camarade Mao Zedong, révèle que le complot de la clique antiparti de l'architraître Lin Piao... Ici La Voix du Vietnam émise de Hanoi. Debout les damnés de la Terre. Les héroïques combattants de la DCA de Haiphong, animés de la volonté de défendre la patrie socialiste contre les agresseurs impérialistes yankees, ont abattu... Deux divisions fantoches anéanties dans la province de Quang Tri... Ici Radio Havana. Un complot d'émigrés contre-révolutionnaires à la solde des... Ici A Voz da Liberdade. Contra o fascismo. Contra a guerra colonial. Por um Portugal livre e democrático! Ici Radio Magallanes. En réponse au sabotage des patrons camionneurs, le président Salvador Allende décrète la loi martiale... (ROLIN, 2002, l. 1465-1478)⁷

⁷ “Ele passava noites inteiras, depois de fechar o restaurante, operando um velho e enorme aparelho de rádio com o qual escutava as ondas revolucionárias do mundo inteiro. Aqui Rádio Pequim. Seguiam-se os primeiros acordes do “Oriente Vermelho”. Dong-fan-ang hong, tai-yan-ang sheng, “o Oriente é Vermelho, nasce o sol”. Uma noite, no Harry’s, o Angelo, completamente bêbado, ficava entoando estes guinchos chineses, era a noite de um clássico do *rugby*, França contra País de Gales,

Por outro lado, a representação da terra originária, Angola, na qual não se está mais vivendo, é um elemento bastante explorado por Pepetela. O contato cultural, mesmo que através de lembranças, a volta às origens e a “saudade da terra”, produz quase que um reflexo invertido, um contraponto entre Angola e Portugal. Parte disso era vivenciado pelos efeitos da Guerra Colonial em Angola, a qual era percebida pelos estudantes de modo bastante diferenciado do discurso salazarista, que prezava pela construção da unidade do além-mar: “Em Angola tudo estava a tender para uma guerra racial, havia uma repressão seletiva. Isso provocava reflexos em Lisboa” (PEPETELA, 2008, p. 20).

Quanto à questão dos lugares imaginados, as duas narrativas podem sugerir uma falsificação da realidade, embora seja coerente pensar que estariam se criando mensagens de um “tempo bloqueado” (PAGEAUX, 2004, p. 145), de um “tempo de essências” (PAGEAUX, 2004, p. 145) validado independentemente do tempo histórico, criado na fusão de uma norma e de um discurso, em que o físico e o normativo se unem. Ainda que diverso, esse estereótipo perdura no imaginário, tanto através dos desejos revolucionários apresentados naquele momento histórico, como também através dos lugares dos quais se almeja, necessitando, portanto, passar pelo local onde se está, para assim, pensar o que estaria acontecendo no exterior, revelando opiniões que estruturariam a sociedade, relacionando produções culturais e estruturas sociais.

No entanto, essa imagem seria constitutiva de três elementos fundamentais: a palavra, a relação hierarquizada e o cenário. A palavra permite a difusão da cultura do outro, por palavras retiradas da língua do país observado que são utilizadas na língua observante sem tradução e que permitem diferenciação ou assimilação, assumindo a imagem como um “vocabulário fundamental ao serviço da representação e da comunicação” (PAGEAUX, 2004, p. 147). Nesse sentido, o texto de Rolin aparece composto e imbricado por esse vocabulário, por meio de imagens fluidas presentes

o lugar estava lotado de *rugbymen* urrando máscaras melopeias celtas, e a coisa quase acabou mal. Camarada! Comrades! Compañeros! O presidente Mao é o melhor lançador do mundo! *Indeed!* A Grande Marcha: recuar para avançar melhor! Como no *rugby!* É ou não é? Os fortões de gravata listrada não estavam lá muito de acordo. Definitivamente não era esse o tipo de lembrança que a gente poderia contar pro Demétrius. *Zhong-guo chu le yi ge Mao Zedong...* Os revisionistas soviéticos ergueram uma grande pedra apenas para deixa-la cair sobre os próprios pés. Os revisionistas são tigres de papel, tanto quanto os imperialistas ianques. O Bureau Político do glorioso Partido Comunista Chinês, sob a direção do grande camarada Mao Tse Tung, revela que o complô da corja antipartido do arquitrador Lin Piao... Aqui a *Voz do Vietnã*, direto de Hanói. De pé, famélicos da Terra. Os heroicos combatentes da defesa antiaérea de Haiphong, entusiasmados pela vontade de defender a pátria socialista contra os agressores imperialistas ianques, abateram... Duas divisões fantoches aniquiladas na província de Quang Tri... Aqui Radio Havana. Um complô de emigrantes contrarrevolucionários financiados pelos... Aqui a Voz da Liberdade. Contra o Fascismo. Contra a guerra colonial. Por um Portugal Livre e democrático! Aqui Rádio Magallanes. Em resposta à sabotagem dos empresários de transporte rodoviário, o presidente Salvador Allende decreta lei marcial...” (ROLIN, 2002, p. 124-125).

na própria Paris, misturada com marcas e logótipos globalizados e perpassados por elementos de uma China imaginada:

Comme à chaque fois que j'assistais, dans une ville, au lever du jour, je fredonnais machinalement Paris s'éveille, mais c'est une tout autre chanson qui m'est venue aux lèvres lorsque le soleil a soudain déployé son drapeau rouge au-dessus des mangroves de l'autre côté de la rivière, au-dessus des enseignes géantes HITACHI DAEWOO CANON IBM TOSHIBA TELSTRA HEWLETT-PACKARD TIGER BEER, au-dessus de la mer de Chine du Sud : Dong-fan-ang hong, tai-yan-ang sheng, Zhong-guo chu le yi ge Mao Zedong, «L'Orient est rouge, le soleil se lève...» (ROLIN, 2002, l. 3290-3296)⁸.

O excerto entoa o início do Hino nacional chinês e a mistura de marcas e lugares do presente, com passeios automotivos pelas avenidas parisienses. É nelas que Martin narra os episódios de *La Cause* para Marie. A textualidade empregada representa o aspecto de fluidez, relativa à breve passagem do narrador nestes locais, relacionando também seu distanciamento e estranhamento quanto símbolos urbanos embebidos em uma modernidade tecnológica, os quais Martin se recusa em apreendê-los imediatamente. Esse conteúdo se associa ao distanciamento temporal e espacial do lugar utópico, guardado e restrito às memórias e às narrativas evocadas. A proximidade das reflexões sobre o lugar imaginado e o lugar da realidade vivida se apresentam, em Pepetela, não pelo uso da palavra, mas pela relação de alteridade, construída pela separação da terra natal e a continuidade da vivência de familiares nela. Isso pode ser percebido no excerto sobre Sara:

Sobretudo nessa fase de ódio racial aumentado pelos últimos acontecimentos. As cartas do pai eram sintomáticas. Tinha esquecido os *progroms* sofridos pelos judeus na Europa vinte anos antes. E advogava teses de Salazar, ele que, como quase todos os eleitores de Benguela, votava sistematicamente na oposição liberal ao “ditador Jesuíta”. Dona Judite acabaria por aceitar, mas à custa de quantas lágrimas escondidas? E o David, o irmão mais novo, que estava na tropa de Huambo, disposto a defender com as armas os caducos sonhos imperiais, não a apoiaria. (PEPETELA, 2008, p. 53)

⁸ “Toda vez que eu via o sol nascer, em qualquer cidade, automaticamente eu cantarolava ‘Paris s’éveille’, mas foi uma canção completamente diferente que me ocorreu quando o sol estendeu seu manto vermelho sobre o mangue do outro lado do rio, sobre as placas enormes HITACH DAEWOO CANON IBM TOSHIBA TELSTRA HEWLETT-PACKARD TIGER BEER, sobre o mar da China do Sul: Dong-fan-ang hong, tai-yan-ang sheng, Zhowng-guo chu le yi ge Mao Zedong, “O Oriente é Vermelho, nasce o sol” (ROLIN, 2004, p. 275).

A relação existente entre os textos reside na relação hierarquizada de espaço, definidora também do “eu” e do “outro”. Em Rolin, o “eu”, com presença em Paris se apresenta mesclado de consumismo, marcas, produtos e indicações racionais de lugares e espaço. Entretanto, ao ir para a China anos depois, Martin se confronta com as mesmas marcas e produtos que estariam no passado e no presente em Paris, causando uma profunda decepção e desilusão com o passado, sugerindo um ajuste de contas com sua geração e com seu antigo grupo político, desestruturado após a morte de seu grande companheiro Treize.

Similitudes quanto à esta relação de alteridade se apresentam em Pepetela, de forma menos delirante do que em Rolin. Seu entendimento pós-colonial permite que a diferenciação exista em todos os espaços, inclusive naqueles que suporiam a formação de uma identidade política de estudantes ou da juventude. A Casa dos Estudantes do Império não criaria homogeneidades, mas relações de poder entre o “outro”, representado pelos estudantes portugueses e brancos, e o “eu”, representado pelos estudantes angolanos (negros ou brancos de descendência portuguesa).

No entanto, em Pepetela a relação entre o “eu” e o lugar vivido acaba por se traduzir numa necessidade quase que instrumental para grande maioria desses estudantes. Das várias personagens presentes, nenhum deles compreende Portugal como sua terra: trata-se apenas de um país de passagem, que se permanecerá na medida em que se deseja prosseguir os seus estudos e nada mais. Portugal é de onde Aníbal, o mentor ideológico de seu grupo político, e outros colegas deveriam organizar a resistência contra o salazarismo e o colonialismo. Essa relação instrumental está bastante presente nas expectativas da personagem Sara, quando esta reflete sobre seu futuro, havendo de pensar também em determinados entraves sociais, que a caracterizariam por ter tido um contato prévio com Portugal, com o Império:

Pouco importava, a vida era dela, a escolha também. Sempre tinha pensado formar-se e voltar logo para Angola, lá era o seu destino. Mas nesse momento, não estava segura. Aparecer com um bebê mulato nos braços, abrir um consultório em Benguela? O seu meio social ia rejeitá-la. (PEPETELA, 2008, p. 53)

A identificação e a diferenciação entre os espaços se apresentam de modo determinante para a projeção da imagem do eu e de suas visões de mundo. O espaço estrangeiro é captado por um processo de mistificação, pelo qual os indivíduos o considera ser “o verdadeiro círculo de presença para o eu [...], quanto uma outra porção do espaço [...] assumirá o papel negativo de caos, gerador de desordens” (PAGEAUX, 2004, p. 149). Nas obras, esse diálogo hierárquico identifica Portugal e França como os lugares de descontentamento, de caos e de repressão, constantemente perpassados pela propaganda, pela política, por relações desiguais de classe e por diferenças raciais, evidenciando a incapacidade de realização utópica. A

representação do estrangeiro se dá na pela imaginação do espaço, em torno de uma mitificação que é revelada posteriormente, conforme a China imaginada por Martin é descoberta em sua realidade. Em Rolin, portanto, há uma “imagem como diálogo inacabado entre duas culturas”, uma “imagem argumento” (PAGEAUX, 2004, p. 149), que almeja construir uma relação de proximidade entre França e China, mas que não ocorre em momento nenhum.

Por outro lado, a imagem projetada por Pepetela é um tanto mais ambígua do que a de Rolin, já que ela relaciona os traços culturais da terra originária com as expectativas de mudança social refletidas no plano político da obra, a Guerra Colonial. O primeiro elemento dessa ambiguidade perpassa o local de onde se fala (Portugal) e o local de onde se provém (Angola). O sentimento de pertencimento dos personagens é com Angola, mas sua condição de estar em Portugal, apresenta uma completa inversão: o estrangeiro é o local de onde se fala, mas esse não significa que será para ali que estariam projetadas as aspirações utópicas. Dito de outro modo, qualquer sentimento revolucionário aflorado não teria como objetivo promover uma mudança social em Portugal, pois este é o espaço de símbolos coloniais e imagens de poder, de repressão, de salazarismo, de perseguição aos estudantes, de alienação. O outro espaço que se projeta, nesse imaginário, é o de Angola, que para além da relação originária dos personagens (e do próprio autor), é para onde canalizam as esperanças. Este não necessita ser mitificado, sendo o símbolo da territorialização, das utopias e da liberdade dos personagens. É assim, a construção da representação de *A Casa*: Casa dos Estudantes do Império Português, local de presença de estudantes africanos, onde sua “casa” real é Angola, é a África, e não Portugal.

Em Pepetela, a relação intersticial demarcada por ambiguidades discursivas enuncia a noção pós-colonial de diferença cultural. Esta noção pode ser tratada segundo a postulação sugerido em *O Local da Cultura*, de Homi Bhabha (2007, p. 63), considerando o

[...] processo da *enunciação* da cultura como ‘conhecível’, legítimo, adequado à construção de sistemas de identificação cultural. () A diferença cultural é um processo de significação através do qual afirmações *da* cultura ou *sobre* a cultura diferenciam, discriminam e autorizam a produção de campos de força, referência, aplicabilidade e capacidade. A diversidade cultural é o reconhecimento de conteúdos e costumes culturais pré-dados; mantida em um enquadramento temporal relativista, ela dá origem a noções liberais de multiculturalismo, de intercâmbio cultural ou da cultura da humanidade. A diversidade cultural é também a representação de uma retórica radical da separação de culturas totalizadas que existem intocadas pela intertextualidade de seus locais históricos, protegidos na utopia de uma memória mítica de uma identidade coletiva única. A diversidade cultural pode inclusive emergir como um sistema de articulação

e intercâmbio de signos culturais em certos relatos antropológicos do início do estruturalismo.

A hibridez cultural expõe justamente os limites da cultura única nacional, sendo este o elemento perpetrador de dominação. No excerto *A Casa*, mas também o longo de toda *A Geração da Utopia*, Pepetela explora os significados da diferença cultural através de uma literatura pós-colonial que, como expôs Boaventura de Sousa Santos (2006), em *A Gramática do Tempo*, trata de “um conjunto de práticas (predominantemente performativas) e de discursos que desconstruem a narrativa colonial, escrita pelo colonizador, e procuram substituí-la por narrativas escritas do ponto de vista do colonizado”, que procura analisar “os sistemas de representação e os processos identitários” (SANTOS, 2006, p. 271). Nesse caso, é perceptível que essa diferença cultural se estabelece quanto aos aspectos políticos, das próprias organizações de esquerda, que acaba por se diferir das ações socialistas Ocidentais daquelas gestadas pelos socialismos africanos:

Os comunistas são os únicos que têm uma organização eficaz. Dominam o movimento estudantil e podem ter a certeza que os estudantes não fazem nada sem o seu apoio ou pelo menos o seu aval. Até na Casa. Sem que a malta saiba, eles têm grande influência. Os movimentos anti-coloniais que foram surgindo, mesmo que independentes, foram sempre mais ou menos camufladamente encorajados por eles. Numa base de trabalho unitário, o importante era derrubar o fascismo em Portugal e o problema das colônias resolvia-se automaticamente. Houve sempre quem quisesse fazer as coisas de outra maneira, mas acabava por aceitar essa influência, porque uma coisa é falar como nós fazemos e outra é organizar e saber combater realmente a PIDE e os outros alicerces do fascismo. Eu tinha relações com eles. Servia de ligação com grupos de estudantes mais conscientes das colônias que se organizavam para debater os problemas ou mesmo encarar algumas ações. Mas nunca fiz parte de seus quadros. Por quê? Porque me sentia angolano e achava que cada um deveria trabalhar no seu sector, embora com ações coordenadas. Mas eis que surgem os acontecimentos de Angola e o nacionalismo angolano afirma-se. Muito confusamente, mas afirma-se. Agora há duas posições. Os comunistas acham que se deve trabalhar no interior do regime e derrubá-lo por dentro. E os nacionalistas angolanos, cada vez mais radicais, pensam que os angolanos devem lutar em Angola, de forma absolutamente independente e sem ter nada que ouvir os papéis da esquerda portuguesa. Lutamos pela independência do país e por isso devemos ter movimentos políticos absolutamente independentes. Somos nós, com a guerra em Angola, que vamos derrubar o fascismo. (PEPETELA, 2002, p. 59)

A formação política dos jovens e estudantes, nas duas obras, apesar de conter elementos próximos, se diferencia não apenas na compreensão ideológica (orientação maoista em Rolin e a orientação “não alinhada” ou terceiro-mundista em Pepetela), mas na capacidade de se pensar o espaço do outro, o Outro pós-colonial. Se em Rolin, a imaginação sobre a China se sobrepõe ao real, em Pepetela há a construção de uma crítica que se sobrepõe aos processos discursivos e hegemônicos da modernidade: não há uma aceitação dos posicionamentos políticos do marxismo-leninismo ou de outras correntes revolucionárias e críticas da modernidade. Há uma junção entre a crítica e a política, a qual pretende superar a posição subalterna, “dado que a condição do subalterno é o silêncio, a fala é a subversão da subalternidade” (SANTOS, 2006, p. 218). O reconhecimento do espaço, presente em Pepetela, reforça a “hibridação dos regimes identitários”, construída em torno da diferença racial presente nas ambiguidades das representações do colonizador e do colonizado. A ambiguidade colonial define as diferenças abissais do pensamento moderno, expondo um sistema de distinções visíveis e invisíveis em que, pois, o que é considerado inexistente é excluído de forma radical, perante a “impossibilidade da co-presença dos dois lados da linha” (SANTOS, 2009, p. 24).

Pepetela ultrapassa o saber abissal, mas demarca que o próprio movimento político gestado pelos estudantes angolanos é um movimento político híbrido, que procura quebrar a condição de subalternidade, estabelecida no espaço colonial de inculcação do saber colonial nos estudantes, a universidade e sua Casa dos Estudantes do Império. Por seu turno, Rolin separa o “eu” do “outro”, reforçando a linha imaginária entre França e China, a qual nunca seria, de fato, transposta, pois sua crítica reside na projeção imagética equivocada e demasiado ocidentalizante projetada pelos militantes maoistas. O “eu” e “outro”, em Pepetela, são relações construídas na ambiguidade, na hibridez e na performatividade pós-colonial, apresentando uma separação geográfica, cultural e política, que somente poderia ser superada na crítica ao colonialismo.

Considerações finais

As reflexões aqui apresentadas extrapolam as visões que justificam e reforçam a imagem de um “desejo revolucionário” que nasce dos estudantes parisienses e se expande para todo o mundo. Essa constatação, composta por inúmeros preceitos ideológicos é desconstruída quando comparamos outras realidades sociais, que muitas vezes podem não ter elementos em comum, mas que apresentam construções imagéticas e imaginárias semelhantes. Nessas duas obras analisadas, a relação de passado e presente se concatena desmistificando os possíveis “nós górdios” criados pela análise histórica e sociológica - cabendo aqui, a necessidade de uma base comparatista. Tal desmistificação está presente na representação da “Casa” quando se faz a seguinte questão: qual a casa da geração dos anos 1960? Trata-se

da crítica ocidental que proporia um modelo de organização política leninista e de críticas ao imperialismo, ou, tratar-se-ia também de uma crítica anti-imperialista e anticolonialista, projetada para além das fronteiras nacionais dos estados capitalistas centrais?

O exercício de literatura comparada que articula as memórias, o imaginário e as construções imagéticas de lugares e sujeitos permite que se possa pensar os limites do universalismo e do eurocentrismo, contido nas propostas emancipatórias das rebeliões sociais dos anos 1960, em especial, dos eventos globais de 1968.

Portanto, seria necessário também saber de onde se fala, de onde se provém e assim, os aspectos mais profundos da relação “eu-outro”. No entanto, a própria imagem construída sobre o período permite o equívoco de se dizer que essa “casa” somente existe porque existe a presença de utopias e ideologias com bastante força a ponto de produzi-las. Por isso, é também necessário pensar as duas obras como “ajustes de contas” que perpassam as memórias dos autores figurados nas personagens, tanto pelo fracasso do maoísmo francês, quanto pelo esfacelamento do desejo de busca do local imaginário pelo terceiro-mundismo, ou, nas palavras de Rolin (2002, l. 433-434): “*L'idéologie, c'est la passion du faux témoignage, et c'est une passion très impérieuse*”⁹.

ALMADA, P. E. R. The revolutionary imaginary of the 1960s in *Tigre en papier*, by Olivier Rolin and in *A casa*, by Pepetela. **Itinerários**, Araraquara, n. 50, p. 169-188, 2020.

■ **ABSTRACT:** *The revolutionary ideologies and utopias of the 1960s are a significant element for understanding the history of the present time and the memories of former participants, and their repercussions. The article discusses two memorialist and fictional narratives about those moments: Tigre en Papier, written by Olivier Rolin, and the excerpt A Casa, in A Geração da Utopia, written by Pepetela. Based on a methodology of qualitative analysis and comparative literature interpretation, it debates the displacement of the revolutionary imaginary of the 1960s, from France and Portugal to the global South, to compose a Third-Worldist image of their aspirations and utopias. Finally, it concludes that besides the scenario of youth revolt carried out in those central countries, there would be a little-revealed memory, which would raise and idealize revolutionary places distant from Europe.*

■ **KEYWORDS:** 1960's. Memory. Comparative Literature. Imaginary. Post-Colonialism.

⁹ “A ideologia é a paixão pelos falsos testemunhos, uma paixão muito imperiosa” (ROLIN, 2006, p. 37).

REFERÊNCIAS

- BADIOU, Alain. **A Hipótese Comunista**. Tradução de Mariana Echalar. São Paulo: Boitempo Editorial, 2012.
- BERMAN, Paul. **O Poder e os Idealistas: a geração idealista de 68 e sua subida ao poder**. Tradução de Raquel Vaz-Pinto. Várzea: Alêtheia Editores, 2007.
- BHABHA, Homi. **O Local da Cultura**. Tradução de Myriam Ávila, Eliana Lourenço de Lima Reis e Gláucia Renate Gonçalves. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2007.
- BOURDIEU, Pierre. **As Regras da Arte: Gênese e Estrutura do Campo Literário**. Tradução de Maria Lúcia Machado. São Paulo: Companhia das Letras, 1996.
- BUESCU, Helena. Gravitações: Literatura Comparada e História Literária. **Dedalus: Revista de Literatura Portuguesa Comparada**, v. 1, n. Dezembro, p. 207-217, 1991.
- CANDAU, Joël. **Memória e Identidade**. Tradução de Maria Leticia Ferreira. São Paulo: Contexto, 2019.
- CARDINA, Miguel. Memórias incômodas e rasura do tempo: Movimentos estudantis e praxe académica no declínio do Estado Novo. **Revista Crítica de Ciências Sociais**, n. 81, p. 111–131, 2008.
- ESTANQUE, Elísio; BEBIANO, Rui. **Do Activismo à Indiferença: movimentos estudantis em Coimbra**. Lisboa: ICS, 2007.
- GUILLÉN, Cláudio. **Entre lo uno y lo diverso: Introducción a la literatura comparada (ayer y hoy)**. Barcelona: Tusquets Editores, 2005.
- HALBWACHS, Maurice. **A Memória Coletiva**. Tradução de Beatriz Sidou. São Paulo: Centauro, 2003.
- MARTINS, Bruno Sena. Violência colonial e testemunho: Para uma memória pós-abissal. **Revista Crítica de Ciências Sociais**, n. 106, p. 105-126, 2015.
- MARWICK, Arthur. **The Sixties: Cultural Revolution in Britain, France, Italy, and the United States (1958 – 1974)**. Oxford: Oxford University Press, 1999.
- NORA, Pierre. **Pierre Nora en Les lieux de mémoire**. Montevideo: Ediciones Trilce, 2008.
- PAGEAUX, Daniel-Henri. Da imagética Cultural ao Imaginado. In: BRUNEL, P.; CHEVREL, Y. (orgs.); **Compêndio de Literatura Comparada**. Tradução de Maria Rosário Monteiro. Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian, 2004. p. 133-166.
- PEPETELA. **A Geração da Utopia**. Alfragide: Publicações Dom Quixote, 2008.
- REYNOLDS, Chris. **Memories of May' 68: France's Convenient Consensus**. Cardiff: University of Wales Press, 2011.

ROLIN, Olivier. **Tigre en Papier**. Paris: Éditions du Seuil, 2002. Kindle Version.

ROLIN, Olivier. **Tigre de Papier**. Tradução de José Bento Ferreira. São Paulo: Cosac & Naify, 2006.

ROSS, Kristin. **Mai de 1968 e suas Repercussões**. Tradução de José Ignácio Mendes. São Paulo: Sesc, 2018.

SANDOICA, Elena Hernández. **Tendencias Historiográficas Actuales: Escribir Historia Hoy**. Madrid: Ediciones Akal, 2004.

SANTOS, Boaventura de Sousa. Para além do Pensamento Abissal: das linhas globais a uma ecologia de saberes. In: B. D. S. Santos; M. P. Meneses (Orgs.); **Epistemologias do Sul**. Coimbra: Almedina, p. 23–71, 2009.

SANTOS, Boaventura de Sousa. **A Gramática do Tempo**: por uma nova cultura política. Porto: Afrontamento, 2006.

STEPHENS, Julie. **Anti - disciplinary protest**: sixties radicalism and postmodernism. Cambridge: Cambridge University Press, 1998.

